

# FATOS E NOTAS

---

## A ORIGEM DA FÁBULA.

---

JORGE BERTOLASO STELLA

### I

A origem da fábula ou do apólogo perde-se na noite dos tempos.

A idéia de ocultar um preceito útil sob o véu da alegoria e tornar mais sensível uma verdade moral, apoiando-a sobre uma ficção engenhosa, encontra-se entre todos os povos da Antigüidade, como podemos vêr entre outros exemplos, na Bíblia [Juizes 9: 8-15] e no poema de Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, *A Fábula do Gavião e do Rouxinol* (1). E, parece-me, que é na Índia que se deve procurar a origem dessa invenção.

Realmente, num país onde entre as crenças se encontra o dogma da metempsicose, onde se atribui aos animais uma alma semelhante a do homem, era natural emprestar-lhe idéias e paixões da espécie humana e supor-lhe uma linguagem (2).

A fábula, a epopéia animal, é um gênero de literatura sobrenatural atraente.

Surgiu como dissemos, em tempos remotíssimos, anteriores às épocas históricas. Nasceu espontânea e, como é bem de vêr, de origem popular.

E porque apareceu na pré-história, dá motivos à problemas intrincados que alguns pesquisadores confessam honestamente não poderem solucionar em definitivo, ao tratarem da sua origem e, em parte, da sua propagação. Decorrente disso, aparece a soma elevada de teorias sobre o assunto.

Nas épocas recuadas, os primitivos atribuíam, segundo o animismo, pensamentos, palavras, qualidades e linguagem, como foi dito, aos animais e aos vegetais.

---

(1). — A. Loiseleur Deslongchamps, *Essai sur les fables indiennes*. Paris, 1838, pág. 6.

(2). — *Ibidem*.

Havia uma relação muito íntima entre os indivíduos e os seres inferiores: estavam mais próximos à origem comum das criaturas. Além disso, a índole religiosa e psicológica favorece essa intimidade, pois sabe-se que o animal ocupou um lugar de destaque na religião do primitivo. A escola antropológica coloca-nos perante o totem e os espíritos dos vegetais. Qualquer que seja a maneira de encarar o totem, como encarnação do antepassado comum, como verdadeira e própria divindade ou progenitor da tribo, o fato é que os animais ocupam um lugar saliente na religião primitiva da humanidade.

O espírito do grão ou da vegetação na opinião da escola mitológica, assume freqüentemente as formas de um animal, de um lobo, de um cão, de um gato, de uma lebre, etc.

Os trabalhadores matavam na época da colheita e comiam a sua carne no banquete, que era considerado sagrado.

Assim se explicam as formas dos animais das antigas divindades. Dionísio aparece na forma de touro, Demeter, Proserpina, Attis, Adonis, revestem formas de animais; assim também se explicam os touros sagrados do egípcios e o cavalo sacrificado no *açmavedha* dos hindus.

A parte pois, que os animais, quer como totem, quer como personificação do espírito da vegetação, tinham na religião primitiva, devia ter favorecido sobremaneira o aparecimento do apólogo (3).

## II

A novela ou o conto, a fábula, ligados entre si, e que pertencem à massa das tradições populares, devem muito aos célebres irmãos Grimm. Eles dedicaram-se ao assunto largamente, ocupando-se da teoria mítica da fábula.

## III

Três são as teorias que disputam o primado no campo da novela comparada.

A teoria mítica que se preocupa mais da origem da fábula do que pròpriamente da sua propagação. Esta teoria pretende que

“em tais lendas ou novelas deve-se reconhecer, na opinião de Mèlusine, o último produto da decomposição dos mitos em tempos comuns às raças indo-européias, decomposição que se realizara em cada uma dessas raças indo-européias”.

---

(3). — A. M. Pizzagalli, *Aspetti e problemi della civiltà Indiana*. Milano, 1927, pág. 50.

A segunda teoria, a histórica, consiste em que as narrativas populares devem-se reportar não ao tempo dos primitivos ários, mas ao da Índia histórica, considerando os seus veículos literários e orais.

A teoria antropológica sustenta a tese da origem independente da fábula dos vários povos.

O Dr. Marchianò (4), que defende a teoria antropológica, entende que a fábula não é privilégio de um só povo. A sua criação é ubíqua e universal, presa a cada povo, dados os elementos e necessárias condições. Ora, nem todos eram aptos a levá-la ao alto grau de um gênero literário, porque nem todo o povo tem o mesmo grau de cultura, de gosto e genialidade de tornear e colorir os esboços naturais e imperfeitos. Sòmente o povo grego foi escolhido e favorecido pela natureza, a dar vida literária a êle, como a muitos outros gêneros que constituem o saber rudimentar de todos os vulgos. A fábula, assim como manifestação isolada do pensamento humano, encontra-se entre todos os povos e nos incunábulo da sua vida, pois ela é comum com a alegoria, mas como gênero literário é privativa dos gregos.

#### IV

As fábulas, na opinião de Ribezzo (5), enfeixam os viços e os abundantes renovos anedóticos de um antigo poema popular dos animais, cujas raízes se espalham infinitamente no fundo da origem étnica, predendo-se à criação dos mitos indo-europeus.

Os pesquisadores têm estudado sob vários aspectos, o problema da novela comparada.

Referente à sua origem, há três teorias.

A primeira afirma que os gregos receberam a fábula dos hindus; a segunda, que os hindus a herdaram dos gregos, e a terceira sustenta que tanto os gregos como os hindus a receberam de outra fonte comum, ou de um outro povo.

Mas na realidade são sòmente duas teorias que se defrontam. Uma: aquela, que os hindus a receberam dos gregos; a outra; aquela, que os gregos receberam a fábula dos hindus.

---

(4). — Dr. Marchianò, *Origine della favola greca ed i suoi rapporti com le favore orientali*. Trani, 1900, pág. 105.

(5). — Fr. Ribezzo, *Nuovi studi sulla origine e la propogazione delle favole Indo-Elleniche*. Napoli, 1901, págs. 27, 28.

A. Wagener (6) demonstrou de maneira convincente a semelhança entre as fábulas gregas e as hindus. Não é só isso, declarou mais, que são os hindus os inventores da fábula (7).

A identidade entre as fábulas gregas e indianas é tão esculpida e manifesta, que não se pode imaginar que os dois povos, sobre um fundo próprio e independente, tivessem criado as mesmas versões particulares, e que as coincidências sejam puramente casuais e fortuitas.

O estudo profundo do folclore ou da novela comparada, revela material que trata do parentesco entre as fábulas indianas e gregas. A diferença entre a fábula hindu e grega, consiste nisso: que, enquanto entre os indianos a fábula foi sempre a forma da arte espontânea e popular, na Grécia tornou-se forma de arte reflexa e literária; enquanto entre as primeiras conservou-se a narrativa fresca e o caráter puro da novela, na segunda tornou-se comédia, alegoria, apólogo.

O apólogo é realmente uma fase recente da fábula, que não aparece, pode-se dizer, nas antigas literaturas, como na homérica e na védica.

Em sua origem, a fábula era um pequeno poema, uma pequena epopéia.

Dada a origem mítica da fábula que é criação espontânea, produto virgem e imediato de uma intuição fantástica, nenhum dos povos indo-germânicos, pode aspirar à prerrogativa de tê-la desenvolvido com mais poderosa variedade, com maior riqueza de produção e de forma, do que o indiano, o qual, nas suas grandiosas criações primitivas, apresenta, ao lado da teogonia e da heroica, a mais completa mitologia do animal.

Além disso, as fábulas na sua origem, não são senão renovos anedóticos de lendas orgânicamente presas a uma antiqüíssima epopéia de animais, nos quais as forças cômicas ou fenômenos personificados operam sob forma selvagem; nenhuma literatura diz Ribezzo, conserva melhor o éco daquelas lutas titânicas anteriores aos poemas heróicos, em que os demônios da terra e os deuses celestes, sob a forma de animal, se combatiam e relacionavam, criando o drama, o fato épico.

---

(6). — A. Wagener, *Essai sur les rapports entre les apologues de l'Inde et les apologues de la Grèce*. Mémoires couronnées de la Royale Académie Belgique, Tomo XXV, 1852, págs. 5 e 125-126.

(7). — *Ibidem*.

V

Não deixa de ser interessante, observa alguém, o fato estranho entre certos especialistas. Os helenistas Wagner e Keller são de opinião que a fábula é de origem hindu e os sanscritólogos Weber e Benfey, afirmam ser ela de procedência grega.

O critério e as características que distinguem o rude do barroco, o grosseiro do vulgar, Benfey deixa perceber neste trecho:

*“La differenza fondamentale tra le concezioni indiane e le esopiche sta in questo che mentre le esopi che lasciano operare gli animali in rispondenza del proprio carattere, le indiane, senza alcun riguardo alla loro speciale natura, li trattano come uomini sotto la veste di animali”* (8).

Já que estamos tratando das diferenças, vem à mente ainda o seguinte fato: enquanto que o escoliasta de Aftônio nos diz que a diferença específica entre fábulas esópicas e fábulas líbicas está nisto, que nas primeiras agem homens e animais, enquanto que nas segundas somente animais, Isidoro de Sevilha pensa que nas fábulas esópicas estão em cena somente animais e nas líbicas homens e animais em mútuas relações, apoiado no escoliasta de Aristófanes para o qual o caráter diferencial entre anedotas esópicas e sibiríticas, está nisto: que as primeiras tratam de animais e as segundas de homens.

VI

O gênio indiano foi o primeiro a atribuir aos animais pensamentos, atitudes e linguagem humana, de modo a criar a epopéia animal.

E' de De Gubernatis a opinião que a fábula é o produto da fantasia e da imaginação, faculdades que em nenhum outro povo foram tão ativas como no povo indiano, o qual deu origem ao canto, à novela. Outra razão mostra que a fábula é o produto mais consentâneo ao gênero indiano, pois em nenhum outro povo foi tão largamente empregada a zoologia na formação dos mitos.

Rawbinsn (9) é de opinião que a fábula foi originariamente do Oriente para o Ocidente e se baseia no fato de que os animais e

---

(8). — Fr. Ribezzo, *Nuovi studi sulla origine e la propogazione de le favole Indo-Elleliche*. Napoli, 1901, págs. 23-24.

(9). — Lin Yutang, *A sabedoria da Índia*. Rio de Janeiro, págs 320-321.

pássaros que desempenhavam os papéis principais, o leão, o chacal, o elefante e o pavão, são na maioria animais indianos.

Os tigres, macacos e crocodilos, abundam nos matagais indianos e não na Grécia.

Fato importante ainda a salientar, é que as fábulas tiveram um crescimento exuberante demais na literatura original indiana. O gênio, para criar fábulas, parece inexaurível na literatura indiana, como se prova pelo aparecimento das *Histórias Budistas de Nascimento (As Jatakas)* e o *Comentário Dhammapada* por Buddhagosha, somando cada uma, quatrocentas ou quinhentas histórias, em grande parte fábulas de animais e o *Panchatantra* e o *Hitopadesa*.

Tem-se afirmado que a natureza genuína da fábula se revela desde o princípio como coleção coletiva e não como crescimento imediato da fantasia e do gênio individual. Ora, não podendo ela surgir imediatamente, as suas últimas raízes devem se derramar infinitamente no fundo das tradições étnicas até entrelaçarem-se com as do mito.

Isso favorece o primado da Índia, na criação da fábula, pois enquanto para a Grécia o estado anterior ao apólogo que a lenda ou mito do animal é lacunoso, separado, fragmentário, separado inteiramente do fundo realista que lhe deu origem, a Índia, ao contrário, o desenvolve numa portentosa riqueza de formas, deixando evidentemente transparecer a intuição primitiva de que se desenvolveu.

## VII

No (*aêvos*) *ainos*, segundo Benfey e Keller, está o conceito da adivinhação e como a finalidade linguística do vocábulo demonstra, devia enquadrar-se como uma classe particular nos enígmata, gênero popular por excelência e passatempo antiqüíssimo da espécie ariana.

A história do enigma na Antigüidade, demonstra que as mais antigas, originais e populares, eram aquelas que ocultavam sob o véu de certas imagens, conceitos naturalísticos e cosmogônicos.

A oficina mais antiga dos enigmas deste gênero na Antigüidade, está propriamente na Índia, onde, como demonstra o *Rig-Veda*, o enigma é a forma predileta dos antigos *rishis*.

Mas com o constituir-se de uma casta hierática e de um monopólio do saber e da cultura, o antigo e transparente enigma popular, tornou-se obscuro e, como Whitney disse, reduziu-se a uma manipulação fatigante de conceitos ritualísticos, de especulações litúrgicas e sacrificiais, a uma gíria sacerdotal de iniciados.

O hino védico X 28, apresenta traços de fábulas-enigmáticas de época remotíssima, analisada pelo Prof. Ribezzo, que projeta luz sobre o problema da gênese e da propaganda da fábula.

Esse fato, é bem de vêr, não passou despercebido a De Gubernatis, pois assim se expressa:

“In this hymn we find the germ of several fables of animals of the same cycle. The inferior animal vanquishes the superior one and up on this peculiarity the whole hymn turns. The Hare Zoological Mythology”.

Na Índia, o *Rig-Veda*, oferece o mais antigo exemplo das fábulas em que agem e falam sêres animados, como o mar, os rios, as plantas.

Êsses documentos, os Vedas, datam de 2000-1500 a. C. e passam por tradição oral, porque afirma-se que

“vai para o inferno quem escreve os Vedas”.

Muitos outros arquivos registram fábulas. A *Chandogya-Upanishad*, I, 12; IV, 5, 7, 8, VI a. C., contém indícios que revelam atribuírem-se aos animais nos dramas, pensamentos, palavras, qualidades e linguagem humana. Animais que nos ensinam filosofia (10).

A *Mahâbhârata*, IV a. C., diz que

“não há itihôsa” (lenda, novela, fábula) sôbre a terra, que não esteja compreendida neste poema”.

## VIII

Uma classe especial de fábulas míticas, dada a sua natureza, é a fábula cosmogônica. Ora, o que é importante para o problema do parentesco das fábulas é justamente isto: que enquanto na Índia a fábula cosmogônica é um produto comum e explicável, na Grécia, ao contrário, é uma forma esporádica, isolada, de caráter não nacional e não inteligível.

A análise profunda das fábulas revela que não se originam dos gregos, mas dos hindus, dada a vasta literatura da Índia.

## IX

Outro aspecto importante, seria o problema do veículo das fábulas, de que não nos ocupamos.

---

(10). — Angelo Brofferio, *La filosofia delle Upanishadas*. Milano, 1911, págs. 33-34.

Apenas resta-nos dizer que não é fácil negar a existência de Êsopo, porque Aristófanes, Platão, Xenofonte, Aristóteles, com o termo *muthos Aisōpou*, expressam um conceito determinado, um gênero característico, que deveria ter tido a sua necessária origem em uma pessoa concreta.

A existência de Êsopo, parece pois, que não pode ser negada.